



O USO DE LIVROS DIDÁTICOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: QUE CAMINHO TRILHAR?

Kamila Teixeira Crisóstomo¹

Monique Teixeira Crisóstomo².

RESUMO: O presente artigo busca mostrar como o livro didático *Alcance EJA*, utilizado na Educação de Jovens e Adultos – EJA –, pode ser ou não eficaz no processo ensino-aprendizagem do público-alvo em questão. Para isto, analisamos seções deste livro, a fim de constatar questões que comprovem se há ou não um distanciamento entre a realidade dos educandos e as abordagens propostas pelo material didático. Sabemos que a EJA deve levar em consideração o contexto sociocultural dos discentes, uma vez que um dos objetivos desta modalidade de ensino é levá-los a buscar novas conquistas, uma educação voltada para a cidadania e não somente para se cumprir um protocolo. Para a realização deste estudo, utilizamos os pressupostos teóricos da Linguística e dos estudos sobre os livros didáticos, valendo-se dos seguintes teóricos: Coracini (2011), Travaglia (2009 e 2011), Batista e Rojo (2003), Souza (2011), dentre outros.

Palavras-chave: Livros didáticos, EJA e processo ensino-aprendizagem.

INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) vai muito além da oferta de vagas nas escolas públicas para se cumprir as exigências das leis que regem o direito ao acesso escolar. O processo de ensino-aprendizagem, nesta modalidade de ensino, deve estar voltado para a integração e inserção dos educandos no mundo, buscando situá-los como participantes ativos de sua sociedade. Assim, um dos objetivos do processo ensino-aprendizagem nesta modalidade de ensino é fazer com que o educando reflita sobre os fenômenos de nossa língua e estabeleça relação com sua vida diária e prática.

Deste modo, o livro didático (LD) acaba por ser um instrumento que requer um olhar diferenciado em seu uso, nesta modalidade de ensino, uma vez que pode estar muito distante da realidade dos educandos e assim tornar o processo da aprendizagem improdutivo, sem que leve os atores envolvidos no processo a refletirem sobre os fenômenos linguísticos emergentes na língua.

¹ Licenciada em Química pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro.

² Doutoranda em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro.

Entretanto, pode-se dizer que, apesar da necessidade de se usar materiais didáticos apropriados para a faixa etária que aqui se discute, quase sempre, tais materiais, entre os quais se destacam os LDs, desprezam as reais necessidades desses alunos, distanciando, assim, o ensino escolar da vida diária do educando.

Logo, cabe ao professor ter a consciência de que este jovem ou adulto já leva para o ambiente escolar uma bagagem linguística muito grande, necessitando apenas aprimorá-la, trabalhando e valorizando as diversidades encontradas.

Algumas reflexões sobre a Educação de Jovens e Adultos

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) pode ser entendida como uma modalidade de ensino voltada, como o próprio nome sugere, para adultos ou jovens que não tiveram a oportunidade de frequentar as séries regulares de ensino.

Durante muitos anos foi lançado um olhar de desprezo sobre a EJA. Entretanto, durante o processo de urbanização e industrialização do país, nas primeiras décadas do século XX, surgiu um maior interesse do governo em alfabetizar a população adulta, a fim de obter mão de obra qualificada. A partir daí, uma série de medidas foram adotadas para diminuir o analfabetismo, entre elas a criação do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) e do Fundo Nacional do Ensino Primário (FNEP) e manifestações foram surgindo para aprimorar e tornar mais eficiente a Educação de Jovens e Adultos.

É importante evidenciar que o público alvo da EJA, na maioria das vezes, são pessoas de baixo poder aquisitivo, adultos que vivem à margem da sociedade e sofrem determinado preconceito, seja de ordem social, econômica e/ou de ambas as esferas.

Desta forma, cabe ao educador ajudar sua classe de jovens e adultos a perceber que essa realidade pode ser mudada, tendo como ponto de partida a educação. Para isto, faz-se necessário um grande esforço, não só dos educandos, mas também do professor, que deve aproximar os conteúdos estudados à realidade do aluno, promovendo, dessa forma, um ensino significativo e prazeroso.

Diante disso, o docente deve ter a consciência de que tal adulto, em busca de novos conhecimentos, traz consigo uma bagagem cultural riquíssima e que esta deve ser explorada ao máximo. Em outras palavras, o fato de o educando não ter cursado uma determinada série em tempo que condiz com sua idade, não quer dizer que ele não tenha um enorme conhecimento de mundo e é fundamental que este seja reconhecido.

Todavia, o que acontece em geral, é um rompimento entre o contexto no qual o adulto está inserido e a maneira como os conteúdos são abordados em sala de aula, já que muitas

vezes estão em desacordo com as necessidades e realidade do aluno. Este distanciamento fica bastante evidente nos materiais didáticos, uma vez que conteúdos são expostos de forma incoerente, fazendo-se uso de uma linguagem rebuscada que não condiz com o cotidiano do educando.

Percebe-se, pois, um ensino pautado no uso de LDs que apresentam textos enormes, com linguagem de difícil entendimento e que não fazem referência àquilo que o jovem ou adulto vive em seu meio. Com isso, a escola, ao invés de ser um ambiente integrador, acaba afastando os alunos, pois estes, ao terem grande dificuldade em manipular tais textos, se sentem incapazes de prosseguir, acreditando que não mais vale a pena tentar.

Assim, o educador tem papel muito importante no processo da aprendizagem, uma vez que cabe a ele estabelecer uma ponte entre um ensino produtivo e a realidade linguística e prática do discente.

O livro didático de Língua Portuguesa da EJA: uma abordagem necessária

Apesar de muitas inovações no campo da tecnologia, o livro didático da EJA continua sendo, ainda, o instrumento pedagógico mais utilizado em sala de aula. Portanto, houve uma necessidade de se (re)pensar a respeito do LD na prática pedagógica e como ele influencia no processo de ensino-aprendizagem.

Tal uso pode legitimar o ensino de determinada disciplina, já que a maioria dos alunos e professores acabam por acreditar que o conteúdo nele contido é único e verdadeiro. Portanto, os envolvidos no processo educacional – professores e alunos – ficam subordinados aos materiais didáticos, o que acaba por levar à “homogeneização de tudo e de todos” **Coracini (2011, p. ?).**

Assim, muitas vezes os LDs podem estar muito distantes da realidade dos alunos, visto que são confeccionados para atender a todas as classes. Percebe-se, pois, que os LDs podem estar totalmente em desacordo com a da realidade de uma determinada comunidade escolar e não trazer benefício algum para o processo da aprendizagem. **Segundo Souza (2011, p. ?),**

independente do livro didático adotado ou da disciplina abordada, o que se constata é que o livro didático constitui um elo importante na corrente do discurso da competência: é o lugar do saber definido, pronto, acabado, correto e dessa forma, fonte última (e às vezes, única), de referência.

[...] supõe-se que o livro didático contenha uma verdade sacramentada a ser transmitida e compartilhada. Verdade já dada que o professor, legitimado e institucionalmente autorizado a manejar o livro didático, deve apenas reproduzir, cabendo ao aluno assimilá-la.

No que se refere ao ensino Língua Portuguesa da EJA, o docente deve buscar livros que estabeleçam relação com o ambiente social em que os educandos estão inseridos, contextualizando-os, e que façam pontes com as demais disciplinas do currículo escolar, a fim de que os alunos percebam a importância dos conteúdos trabalhados em seu cotidiano. Embora essa não seja uma constante nos LDs, é de fundamental importância que o professor procure um material didático que contextualize seus conteúdos e que estes se relacionem de forma interdisciplinar.

Portanto, torna-se necessário que o docente adapte outras atividades ao LD, a fim de que ele não seja o único recurso pedagógico utilizado em suas aulas e também busque outros materiais que possam acrescentar em sua prática profissional.

De acordo com **Duarte e Rossi de Deo (2004, p.?)**,

faz-se necessário uma análise crítica, sob o aspecto do papel do professor, que pode e deve fazer as alterações necessárias no livro, de modo a tornar os assuntos úteis e relevantes para a vida do aluno, despertando assim o seu interesse pelo aprendizado. Para isso, o professor deve ter ciência da necessidade de incluir em sua rotina diária de trabalho momentos para a reflexão e questionamento sobre suas ações para poder reconstruí-las. Com isso, ele deixará de ser um mero transmissor de conteúdo e tornar-se-á um profissional envolvido e crítico.

Dessa forma, professor precisa ter a consciência de que não existe nenhum livro didático completo, que atenda a todas as necessidades de sua clientela. Logo, o educador deve ir além da utilização do material didático, deve fazer as adaptações necessárias e complementares para que possa atingir um processo ensino-aprendizagem eficiente e produtivo, levando os educandos a refletirem sobre os fenômenos de nossa língua.

Desta forma, **Batista e Rojo (2003, p. ?) afirmam:**

para que sua utilização se concretize nas escolas, reforçando o vínculo dos conteúdos com as práticas sociais e atendendo às novas demandas das escolas, é necessário que o livro didático seja um instrumento que favoreça a aprendizagem do aluno, no sentido do domínio do conhecimento e no sentido da reflexão na direção do uso dos conhecimentos escolares para ampliar sua compreensão da realidade e instigá-lo a pensar em perspectiva, formulando hipóteses de solução para os problemas atuais. Isso significa colocar o livro didático como subsídio da escola para a consecução do objetivo de promover o exercício da cidadania, vale dizer, a serviço da sua proposta pedagógica que é, em última instância, o projeto coletivo necessário à constituição da identidade da unidade escolar.

Portanto, cabe aos educadores escolherem atentamente o livro didático a ser utilizado, levando em consideração critérios que auxiliem a uma aprendizagem eficaz, que leve o aluno a questionar a realidade e a estabelecer relações com seu cotidiano.

Logo, o professor deve valorizar os materiais didáticos que possuem atividades interdisciplinares, a fim de que se promova um processo de ensino-aprendizado contextualizado com as demais disciplinas e não um ensino fragmentado.

METODOLOGIA

Para a realização desse artigo, fizemos um levantamento bibliográfico de textos, periódicos e outros materiais que contemplam a temática proposta, como também autores que abordam as teorias utilizadas na fundamentação desse estudo.

Além disso, analisamos seções do livro didático de Língua Portuguesa *Alcance EJA*, destinado aos anos finais do Ensino Fundamental, adotado na rede pública de ensino, a fim de verificarmos se sua abordagem se aproxima ou não da realidade dos educandos, se os levam a refletirem sobre os fenômenos linguísticos emergentes em nossa língua.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

No que se refere às abordagens dos textos, eles são, na maioria das vezes, bem extensos, com um vocabulário rebuscado, descontextualizados da realidade dos educandos. Tudo isso faz com que os alunos não tenham um maior apreço pelas atividades, muito menos, para debater sobre o assunto, o que faz as aulas tornarem-se mecânicas e não produtivas.

Já na abordagem dos estudos gramaticais, as atividades são, em sua maioria, de cunho tradicional, valorizando o emprego das regras gramaticais e não levando os alunos a refletirem sobre os fenômenos linguísticos. O professor deve ter em mente que um dos objetivos do ensino de língua materna é desenvolver a competência linguística no educando, ou seja, fazer com que ele saiba empregar e reconhecer as diversidades linguísticas mediante os vários contextos da comunicação.

A figura a seguir é um exemplo de atividade em que é explorada apenas a gramática descontextualizada, não levando o educando a refletir sobre os fenômenos da língua e aplicá-la à sua realidade diária.

2. Identifique os advérbios e as locuções adverbiais nas frases a seguir e classifique-os conforme as circunstâncias que expressam.

a) Talvez eles esperem apoio das autoridades.

Talvez (advérbio de dúvida).

b) Ficamos frente a frente na biblioteca da escola.

Frente a frente (locução adverbial de modo).

c) Foi aqui, do lado de fora, que permaneci calado.

Aqui (advérbio de lugar) / do lado de fora (locução adverbial de lugar).

Figura 1. Nome ?. fonte: ?

Assim, o aluno, principalmente o da EJA, não consegue estabelecer relação das atividades com o seu contexto cultural, não consegue estabelecer uma relação entre o processo da aprendizagem com sua realidade prática, sendo o ensino mecânico e improdutivo.

Deste modo, vale mais uma vez ressaltar, que um dos objetivos da Educação de Jovens e Adultos é integrar o aluno no processo da aprendizagem (valorizando sua bagagem cultural e estabelecendo uma ponte com sua realidade) e, conseqüentemente, na sociedade.

CONCLUSÕES

Em um mundo globalizado, marcado pelas imensas transformações tecnológicas, torna-se imprescindível que a escola busque recursos para que o processo de ensino-aprendizagem, principalmente o de língua materna, torne-se mais produtivo e que leve o aluno à reflexão.

A partir das discussões realizadas, percebemos que o livro didático de Língua Portuguesa, na Educação de Jovens e Adultos, propõe, na maioria das vezes, questões que se distanciam da realidade linguística de seus educandos, o que pode levar a um processo ensino-aprendizagem não tão eficaz.

Desta forma, é função do professor fazer adaptações e inserções necessárias em suas aulas, a fim de que torne o processo mais produtivo e consiga aproximá-lo da realidade dos educandos, para que eles façam elos com sua realidade diária e (re)pensem sobre os fenômenos da língua.

Vale salientar que o que defendemos não é a não utilização do livro didático na Educação de Jovens e Adultos, e sim a maneira como ele é utilizado pelo educador, lembrando sempre que o material é apenas um suporte no processo da aprendizagem e não o único recurso a ser utilizado.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática:** por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola, 2007.

AZEREDO, José Carlos. **A quem cabe ensinar a leitura e a escrita?.** In: GAVAZZI, Sigrid (org.). *Da Língua ao Discurso*. 2.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 30-42.

BAGNO, Marcos; STUBBS, Michael; GAGNÉ, Gilles. **Língua Materna:** letramento, variação e ensino. São Paulo: Parábola editorial, 2002.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes; ROJO, Roxane (org.). **Livro didático de Língua Portuguesa:** letramento e cultura da escrita. São Paulo: Mercado de Letras, 2003.

CORACINI, Maria José Rodrigues Faria (org.). **Interpretação, autoria e legitimação do livro didático.** 2.ed. Campinas: Pontes Editora: 2011.

DUARTE, Luiza Maria; ROSSI DE DEO, Aldisnéia Santos. **Análise de livro didático:** as diversas abordagens e métodos aplicados ao ensino de língua estrangeira. 2004.

LEAL, Marisa. **Letramento em EJA.** São Paulo: Parábola, 2009.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola:** uma perspectiva social. São Paulo: Ática, 1986.

SOUZA, Deusa Maria de. **Livro Didático: Arma Pedagógica?.** In: CORACINI, Maria José Rodrigues Faria (org.). *Interpretação, autoria e legitimação do livro didático*. 2.ed. Campinas: Pontes Editora: 2011.

_____. **Letrar é mais que alfabetizar.** Jornal do Brasil. 26/11/2000. Disponível em: <<http://educacao.ba.gov.br>>. Acesso em 15 de set. 2012.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação:** uma proposta para o ensino de gramática. 14. Ed, São Paulo: Cortez, 2009.

_____. **Gramática:** ensino plural. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2011.